



DESAFIOS NA EDUCAÇÃO PRÓPRIA DO POVO IKPENG

Pareayup Maté Ikpeng (Docente da Escola Ikpeng) - thiagomate99@gmail.com

GT 4- EDUCAÇÃO E POVOS INDÍGENAS

Resumo:

Este texto traz uma breve reflexão sobre a educação do ensino próprio do povo Ikpeng, que pouco a pouco está perdendo espaço para outra realidade de ensino, ou seja, perdendo espaço para o ensino que tem currículo bem sistematizado. O ensino próprio, para nós Ikpeng, é fundamental para manutenção da língua, da cultura e modo de viver e de ser descendente do nosso povo. A reflexão aqui provocada se faz com base em minha experiência enquanto professor da escola Ikpeng, no percurso da educação tradicional entre meu povo, com base no trabalho pedagógico da escola, experiências de outros professores que atuam na escola, bem como, autores que já escreveram sobre o assunto. Desta forma, dada a situação dos conhecimentos atuais da língua e do ensino próprio Ikpeng, proponho para o aprofundamento dos conhecimentos tradicionais a produção de material específico que possa contribuir positivamente para educação de ensino próprio entre o povo Ikpeng. A uma confecção desse material pode proporcionar à comunidade Ikpeng uma escolarização diferenciada que atende suas necessidades educacionais específicas. E também investigação e análise da mudança da educação própria.

Palavras-chave: Povo Ikpeng. Educação Própria. Educação Escolar. Ensino.

1 Introdução

A população Ikpeng consiste atualmente em de 625 pessoas aproximadamente, vivendo no Posto Indígena Pavuru (P.I. Pavuru), denominado como Coordenação Técnica Local Pavuru (CTL/Pavuru) que, apesar de atender a todas as etnias vizinhas, é administrado pelo povo Ikpeng. Há poucos anos, algumas famílias Ikpeng migraram para as margens do rio Ronuro e lá se estabeleceram, fundando uma nova aldeia. Atualmente, os Ikpeng fundou quatro outras aldeias Arayo, Rawo Paranoá e Kururé, próximas Coordenação Técnica Local Pavuru.

Neste texto, abordo sobre a educação própria do povo Ikpeng, que está perdendo espaço para outra realidade de ensino, ou seja, perdendo espaço para o ensino que tem currículo bem sistematizado. Considero o ensino próprio de extrema importância para manutenção da língua, da cultura e modo de viver e de ser descendente daquele povo.

Desta forma, dada a situação dos conhecimentos atuais da língua e do ensino próprio Ikpeng, proponho para o aprofundamento dos conhecimentos tradicionais a produção de material específico que possa contribuir positivamente para educação de ensino próprio entre o povo Ikpeng.

2 Educação escolar *versus* ensino próprio do povo Ikpeng

Duas das principais causas para a extinção de educação própria/línguas são: a repressão política dos povos que falam línguas minorizadas e a pressão exercida pelas línguas majoritárias. O desaparecimento de uma língua constitui uma grande perda para comunidade nativa porque não valoriza a educação de ensino próprio, uma vez que a educação de ensino próprio é o principal meio de transmissão de cultura e pensamento tradicionais, além de ser uma parte de identidade étnica.

No caso dos Ikpeng, o contato crescente da população nativa com a população nacional vem trazendo consequências preocupantes, e a educação própria vem perdendo espaço para a educação escolar Ikpeng. O povo Ikpeng educava os filhos por meio de narrativas ao anoitecer e ao amanhecer, e em espaços onde o povo se concentrava.

Depois que a educação escolar entrou na comunidade Ikpeng, os pais não educam mais seus filhos na casa, eles deixaram por conta dos professores indígenas da unidade escolar. A tecnologia também é um dos fatores que compromete a perda da língua e do ensino próprio. Nem todos os professores conhecem a ciência do próprio povo, porque a formação é diferente em nível de magistério e em nível de ensino superior.

O último diagnóstico sociolinguístico do povo Ikpeng, de acordo com Chagas, (2017) mostra que o português vem ocupando, cada vez mais, espaços sociais dentro da comunidade, de modo que bilinguismo já atinge 75% da população nativa. No ambiente escolar, por exemplo, Pachêco (2001) apontou que as aulas eram ministradas em Ikpeng por professores da própria comunidade e o português era utilizado exclusivamente quando a aula tratava de questão da cultura não indígena.

Atualmente a situação encontrada não é mais a mesma, a alfabetização se dá em ambas as línguas, e os dados dos diagnósticos sociolinguísticos mostram que a maior parte das crianças alfabetizadas (59,6%) escreve e lê melhor em português que em Ikpeng, o que demonstra que a presença da língua portuguesa ganhou bastante espaço na escola nos últimos anos.

Essa realidade é claramente uma consequência da falta de materiais didáticos e/ou paradidáticos produzidos em/e sobre a língua Ikpeng, circulando no ambiente escolar, o que tem sido a grande demanda por parte da comunidade.

O português pode ser também bastante ouvido nas conversas cotidianas/informais dos mais jovens, o que é um fato bastante preocupante, uma vez que, quanto mais as crianças ouvem essa língua, mais cedo elas se tornam bilíngues e a tendência é que o português, em pouco tempo, se torne a língua mais falada dentro da comunidade, substituindo paulatinamente o uso do Ikpeng.

De acordo com Moore et al. (2008), o que determina a continuidade de uma língua é a sua transmissão às novas gerações. Podemos dizer que o nível de transmissão da língua Ikpeng ainda pode ser considerado alto, porém, seus falantes estão se tornando bilíngues cada vez mais cedo.

Outro fator que ameaça a sobrevivência da língua e o ensino próprio é o número restrito de falantes (cerca de 500), o que a caracteriza como ameaçada de extinção podendo, dessa forma, não mais existir, em curto período de tempo, caso nada seja feito para reverter esta situação. Por isso faz-se necessário é urgente tomar medidas que evitem ou retardem o processo já iniciado de substituição do Ikpeng pelo português.

É importante mencionar que há uma grande preocupação por parte do próprio povo Ikpeng na manutenção e valorização da cultura e da língua nativa, nesse sentido, a proposta é a produção de material de alfabetização em língua materna Ikpeng, além de outros materiais específicos que desperte o interesse das gerações mais jovens.

3 O caminho a ser percorrido durante a pesquisa

Quanto aos procedimentos teórico-metodológicos para análise da mudança do ensino próprio, assumem-se os princípios das narrativas descritivas. A ideia é envolver falantes e as pessoas sábias que possuem conhecimentos ancestrais do povo Ikpeng do povo. Nessa oportunidade gravar as narrativas para elaboração de material didático será fundamental.

Do mesmo modo, buscaremos envolver os professores nas entrevistas para entender melhor a mudança do ensino próprio do seu povo, analisando ambos os conhecimentos, em relação à educação própria e educação escolar do povo.

O material produzido será disponibilizado para a escola Ikpeng, como apoio para os professores e para os alunos. O fruto desse trabalho será extremamente importante

para manutenção da língua, cultura e, principalmente, para valorização da educação do ensino próprio.

4. Considerações Finais

O produto mencionado, livro de coletâneas narrativas tradicionais, deve contribuir significativamente para a promoção de uma educação de ensino próprio ou para educação escolar diferenciada ao povo Ikpeng, uma vez que torna disponível um documento de consulta e um instrumento de promoção de leitura em língua Ikpeng.

A construção do livro de narrativas em Ikpeng atende não só a necessidade de ser produzir materiais que sejam de uso próprios Ikpeng em sua educação e que promovam a valorização do ensino próprio, cultura e língua pela inserção em suporte escrito. Mas possui também relevância para preocupações propriamente científicas.

4 REFERÊNCIAS

CHAGAS, A. F. A. **Ensaio Sociolinguístico do povo Ikpeng**. Revista falas breves, v. 4, p.14-23, 2017.

MOORE, D. A.; GALÚCIO, A. V.; GABAS JÚNIOR, N. **Desafio de documentar e preservar línguas**. Scientific American Brasil: Amazônia, p. 36-43.1 set. 2008.

PACHÊCO, F. **Morfossintaxe do verbo Ikpeng (Karib)**. Tese de Doutorado em Linguística – Instituto de Ensino da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.